

Carlos Drummond de Andrade: o poeta funcionário público

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 17/07/2026

Carlos Drummond de Andrade escreveu sobre o peso da existência enquanto trabalhava décadas como servidor público discreto. Sua poesia, cheia de tédio, ironia e ternura, revela como a rotina comum pode conviver com a mais alta sensibilidade artística.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://escritor.cristianoricardo.com/post/carlos-drummond-de-andrade-o-poeta-funcionario-publico>

Carlos Drummond de Andrade passou boa parte da vida adulta como funcionário público, primeiro em Minas Gerais, depois no Rio de Janeiro, trabalhando em ministérios, redigindo documentos burocráticos, cumprindo horário fixo como qualquer outro servidor anônimo. Enquanto isso, produzia em paralelo uma das obras poéticas mais importantes da língua portuguesa, capaz de transformar o tédio existencial, a solidão urbana e as pequenas frustrações cotidianas em versos que ainda hoje são lidos, estudados e sentidos por milhões de brasileiros. Ele não via contradição nisso. Achava, ao contrário, que a poesia nascia justamente do atrito entre a vida comum e a percepção incomum que ele tinha dela.

Drummond nunca escondeu o próprio desconforto com a existência. Sua poesia atravessa temas como o peso de existir sem motivo aparente, a dificuldade de se comunicar de verdade com outra pessoa, a sensação de estar sempre um pouco deslocado do próprio tempo e lugar. Ele escrevia sobre isso com uma mistura rara de ironia e ternura, sem nunca cair em desespero puro nem em otimismo barato. Havia também nele um lado político incômodo, especialmente nos primeiros anos, quando flertou brevemente com o integralismo antes de amadurecer para posições mais à esquerda e engajadas socialmente, um percurso que ele próprio revisitou com autocrítica ao longo da vida, sem tentar apagar o que havia pensado antes.

Essa tensão entre vida pública discreta e vida interior intensa lembra de perto Agatha Christie, que também escondeu atrás de uma rotina aparentemente controlada um sofrimento que só a escrita conseguia, em parte, revelar. A diferença é que Christie disfarçava a própria dor dentro de tramas policiais bem resolvidas, com culpados identificados e justiça restaurada ao final. Drummond não oferecia esse conforto. Sua poesia raramente resolve o desconforto que apresenta, prefere deixá-lo em aberto, como quem reconhece que nem toda dor tem solução limpa, e que fingir o contrário seria desonesto com o leitor.

Há também um eco possível com Buckminster Fuller, por mais distante que os dois campos pareçam à primeira vista. Fuller acreditava que o ambiente certo poderia transformar silenciosamente o comportamento humano. Drummond, dentro do próprio ambiente burocrático que ocupava, parecia fazer o inverso, transformando o tédio institucional em matéria-prima poética, sem esperar que o ambiente mudasse primeiro. Ele não reformou o mundo ao redor, reformou a própria percepção sobre esse mundo, o que talvez seja uma forma ainda mais

difícil de resistência, silenciosa e sustentada por décadas de disciplina que ninguém aplaudia enquanto acontecia.

Isso conversa diretamente com qualidade de vida, tema que raramente associamos à poesia, mas que Drummond tratou com uma lucidez rara. Ele nunca prometeu felicidade fácil nem vida sem peso. Em vez disso, ofereceu companhia para quem sente esse peso, o reconhecimento de que a dificuldade de existir é compartilhada, e que nomear essa dificuldade com precisão já alivia parte da carga. Hoje sabemos, através da psicologia contemporânea, que colocar sentimentos difíceis em palavras reduz de forma mensurável a intensidade do sofrimento emocional, um processo que terapeutas chamam de rotulagem afetiva. Drummond fazia isso décadas antes de qualquer estudo confirmar cientificamente o valor terapêutico de nomear a dor com honestidade.

Ele também nunca se apresentou como exemplo de vida resolvida. Foi um homem tímido, que evitava holofotes, que manteve a rotina de funcionário público mesmo depois de reconhecido nacionalmente como grande poeta, talvez porque soubesse, melhor do que ninguém, que a vida comum não é obstáculo à profundidade, é matéria dela.

Fica então uma pergunta que sua obra inteira parece sussurrar, sem nunca formular diretamente. Quanto da nossa própria vida cotidiana, cheia de rotina, tédio e pequenas frustrações, carrega uma profundidade que simplesmente nunca paramos tempo suficiente para nomear?